

14

1. Roteiro

1. roteiro
2. apresentação
3. preliminares: antecedentes
4. o Encontro: procedimentos
5. os estudos
 - 5.1 introdução: crítica
 - 5.2 análise preparatória a um planejamento
 - 5.3 resoluções de estudo e trabalho
6. conclusão

2. Apresentação

Os cinco dias do II Encontro de Animação Popular do MEB Goiás, foram dias de estudo que partindo de algumas colocações a respeito da evolução do trabalho e da consciência deste trabalho pela equipe central, nos levaram a análises de problemas e caminhos suficientes para que esta, como um todo, pudesse se preparar para ingressar em uma nova fase de reflexão e ação.

De tudo o que foi bom e válido neste encontro, há dois pontos a destacar: 1º- a seriedade e profundidade atingidas durante todo o tempo dos estudos 2º- a participação da equipe, que como equipe reviu sua atuação, repensou seus problemas, encontrou novos caminhos e os colocou em forma de planejamento experimental, como estudo e ação.

Ao final do Encontro, resolvemos elaborar não um relatório do Encontro como acontecimento, mas um verdadeiro documento de Estudos: ao mesmo tempo documento enquanto história do MEB em Goiás, e enquanto conjunto de dados suficientes como roteiro de outros estudos, a serem realizados pela equipe. Essa a justificativa da forma e da tônica do presente Relatório-Documento de Estudo.

Alda, Maria Alice e Carlos discutiram a realização possível deste relatório ainda em Goiânia, nos dias imediatamente posteriores ao término do Encontro. Carlos ficou responsável por escrevê-lo, no Rio de Janeiro. Uma vez pronto, foi revisto pela equipe e pôsto em forma definitiva.

3. preliminares: antecedentes

Em julho 64 realizamos o 1º Encontro de Animação Popular do MEB Goiás. A Equipe tinha então atingido um nível de trabalho que justificava, e um conjunto de problemas que tornavam urgente, um seminário de estudos sobre ação direta e sistemática em algumas comunidades rurais. Neste mesmo Encontro ficou resolvido que ainda em dezembro de 1964 seria realizado em Goiânia um II encontro. (Informações sobre o I, vide relatório).

Os problemas por que passou o Movimento, em plano nacional, e também os específicos do MEB Goiás, justificaram a transferência do II Encontro para janeiro de 1965. Novamente transferido, o Encontro foi marcado para abril 65, e finalmente realizado em agosto do mesmo ano.

No I encontro resolvemos como objetivos do II:

- . revisão do trabalho feito entre julho e dezembro 64.
- . novo planejamento para 1965.

Em fevereiro 65, após a realização do I Seminário Nacional de Animação Popular, modificamos os objetivos pretendidos para o II Encontro em Goiânia:

- . escôlha de uma comunidade para realização de um Estudo de Área, base para colocações em tórno do problema de Pesquisa de MEB para Animação Popular.
- . Animação Popular e as decisões do I Semanpo e do II Encontro Nacional de Coordenadores.
- . Estudos sôbre as várias fases do processo de Animação Popular.
- . Elaboração de um planejamento para 1965.

As condições em que a equipe central se encontrava pouco antes de começar o II Encontro, aliadas às descobertas feitas e aos problemas surgidos, motivaram uma nova modificação de objetivos. Concluimos que havia uma série de elementos de base a todo o trabalho de Animação Popular, que se colocavam como anteriores enquanto preocupação e prioridade de estudos. Entre eles nos apareceram como mais importantes:

- . Uma reflexão sôbre o sentido mesmo do trabalho de MEB, em Goiás e agora.
 - . Uma revisão global de todo o trabalho vivido em cada uma das fases do MEB/Goiás, procurando sobretudo encontrar respostas a êstes dois problemas:
- 1) A exigência do meio rural mais as exigências de cada comunidade atingida - de que forma conhecer, compreender e equacionar como apêlo a ser respondido, válida e eficientemente?
 - 2) Como responder a estas exigências saídas diretamente de líderes e povo das comunidades atingidas pelo MEB?
- . Análise e crítica dos problemas abordados a partir de depoimentos de pessoal da equipe, e de líderes representativos.
 - . Uma síntese de problemas e respostas, base de um planejamento experimental.
 - . Realização dêste planejamento experimental, com uma nova estruturação da equipe e novas linhas progressivas de ação.

Êstes pontos de reflexão estruturam-se aos poucos como objetivo do II Encontro e terminaram por ser o seu roteiro.

--*-*-*

Como preparação, a equipe central realizou nos dias 13 e 14 de agosto dois dias de estudos em que foi visto em conjunto: responsabilidade do Laicato (estudo realizado com a participação do Sr. Arcebispo de Goiânia), Pessoa e Comunidade, e alguns pontos para uma primeira elaboração do roteiro de estudo do II Encontro.

Nêstes dias de Estudos foram também planejadas algumas viagens a comunidades com núcleos de Anpo em desenvolvimento.

A equipe nacional ficou de enviar Sinésio e Carlos. Com a viagem do primeiro à Dinamarca e ante a impossibilidade concreta da ida de uma outra pessoa, Carlos preparou-se para seguir sozinho. Finalmente, foi resolvida a participação de Haroldo, do sistema MEB/Santarém.

O II Encontro de Animação Popular do MEB/Goiás foi realizado no Centro de treinamento da Arquidiocese de Goiânia do dia 21 ao dia 25 de agosto de 1965.

Participaram dêle em carater permanente: Maria Alice, Alda, Eurípedes, Be-

tinha, Isa, Waldenora, Nely, Emilia, do MEB/Goiás. Haroldo do MEB/Santa -
rém. Carlos do MEB/Nacional. Participaram de algumas partes do Encontro :
Gaudência, Nazira, Darci e Wellington.

No segundo dia do Encontro, contamos com a presença dos líderes de comuni-
dade: José Moreira e Jorcelino (Itaçu), Maria de Lourdes (Bela Vista), Ma-
ria Joana (Lajeado). Participou também o aluno Geraldo, de uma E.R.

4. O Encontro: procedimentos

Em reunião realizada no dia imediatamente anterior ao início do Encontro,
com a presença de quase todos os participantes, concluímos que não seria
proveitoso estabelecer uma agenda fixa de trabalho, ante a complexidade
dos problemas e a necessidade de focalizar e aprofundar cada aspecto impor-
tante à medida que fôssem surgindo como desafio, em cada fase dos estudos.

Os dois dias iniciais foram reservados para uma revisão do trabalho reali-
zado. Revisão que seria também o início da análise a que nos propúnhamos.
No primeiro dia esta revisão foi feita com a equipe central. Fizemos como
introdução um levantamento das características importantes de cada fase
por que passou o MEB/Goiás. Iniciamos a seguir a análise dos "elementos de
passagem" de uma a outra fase, e seus maiores obstáculos.

No segundo dia os monitores já citados foram acrescentados a nosso grupo
de estudos. Tentamos então a mesma revisão, agora vendo o conjunto de fa-
tos básicos enfocados a partir dos próprios líderes. Da mesma forma, atra-
vés dos dados por eles levantados, procuramos em conjunto, analisar e sis-
tematizar causas e conseqüências.

Com o material crítico e histórico pôsto em destaque nos dois primeiros
dias, realizamos nos outros três a análise geral de nossa ação, seus obs-
táculos e respostas, uma síntese e um planejamento de estudo e trabalho .

Durante os cinco dias usamos apenas duas técnicas de discussão: a assem-
bléia e o círculo. Diariamente escolhíamos dois coordenadores de debates
que se encarregavam de introduzir os elementos sobre os quais discutir ,
de coordenar os debates, e de tentar elaborar a agenda do dia seguinte, em
função dos pontos levantados no anterior.

5. Os estudos

5.1 Introdução: crítica.

Ressalvando a dificuldade e o perigo de toda a tentativa de divisão de pro-
cessos contínuos e também o fato de que a passagem de uma a outra fase de
consciência e ação, não implica a anulação total dos elementos caracterís-
ticos fundamentais da fase anterior, encontramos três fases em que se po-
de dividir a história do MEB em Goiás.

. Na primeira delas a consciência que tínhamos do significado de nosso tra-
balho, aliada a um conhecimento ainda restrito e superficial da condição
rural - e especificamente da condição rural das áreas onde atuávamos - li-
mitou o trabalho a um esforço de dar ao camponês um conjunto de conhecimen-
tos mínimos (cálculo, linguagem, agricultura básica, puericultura) que nos
pareciam então, o necessário e urgente, e com o que compreendíamos o sen-
tido de Educação de Base. Como consequência disso, grande parte dos esfor-
ços eram concentrados na Alfabetização. Através dela, o trabalho era ape-
nas pensado em termos da escola.

Neste sentido poderíamos dizer que não tínhamos ainda consciência da neces-
sidade de uma ação: a) globalizadora, dentro da faixa Educativa; b) que fôs-
se resposta às exigências das comunidades; c) comprometida com toda a comu-
nidade, não apenas com a população participante das EERR.

Durante esta fase, o sujeito do trabalho era o próprio trabalho. Preocupamos a realização de "um programa de aulas"; o desempenho de um determinado conjunto de tarefas, elaborado na sede e assumindo como um modelo ideal. A preocupação com qualquer forma de pesquisa capaz de nos tornarmos conscientes da situação e das exigências do meio rural como um todo e das comunidades atingidas em particular, ainda não era suficiente para passar nos dela à sua realização.

A segunda fase não foi atingida de um momento para o outro. Foi o resultado de um longo processo de conscientização nossa que se pode sintetizar em: a) Um aprofundamento do sentido de Educação de Base que passou de uma perspectiva do "ter" (ter conhecimentos básicos para viver uma vida melhor) para uma perspectiva do "ser", (ser mais consciente de seu próprio valor, de seus direitos, de sua dimensão humana, de seu lugar no desenvolvimento do País, do sentido da cultura da qual como camponês, é criador e responsável; ser mais crítico ante a realidade que o cerca e quase sempre limita, em todos os sentidos). Isso representou o grande passo na nova direção dada à ação educadora realizada pelo MEB/Goiás: fornecer ao camponês, a partir de seus próprios valores e condições socio-culturais, os elementos básicos enquanto educação, para que ele por si mesmo fosse capaz de participar como sujeito de uma História, cujo sentido único deve ser promover cada vez mais todos os homens. b) Uma descoberta de que naturalmente, pelo sentido mesmo, a ação educadora do MEB não se poderia limitar às paredes da EERR. Toda a comunidade e não só a população constituída de alunos e monitores era responsável pela EERR. Nossa ação deveria ser supletiva, numa procura de fornecer os elementos para que o povo das comunidades descobrisse sua forma própria de ação transformadora, seus objetivos e os rumos a tomar, num trabalho conjunto e concreto. c) Uma atitude de tornar o camponês sujeito da ação educativa do Movimento, e não, o programa estabelecido. d) Uma procura de situar os líderes (monitores) como responsáveis imediatos por todo o trabalho a ser desenvolvido na comunidade. e) Uma busca de maior fundamentação de todo o trabalho. As exigências e a responsabilidade, aumentadas através de uma nova e muito mais profunda perspectiva de trabalho, foram também elas causa de uma preocupação da equipe em se fundamentar mais. f) Uma descoberta de novos meios de atingir a comunidade; deixar com os líderes a responsabilidade da ação transformadora, transferir " comunicações de informação", em comunicações e diálogos conscientizadores.

O resultado deste passo no plano da consciência do trabalho, foram modificações importantes no próprio trabalho. O conteúdo das aulas foi progressivamente sendo modificado em função de um conhecimento mais completo da realidade local; da nova perspectiva de Educação de Base; e do desenvolvimento de uma Pedagogia da Comunicação. Trabalhos de contacto direto foram sendo considerados como básicos no desenvolvimento de um programa de ação. Surgem então os Encontros, que sendo em seu início uma ida nossa à Comunidade para promover Debates, terminam por se constituir numa tarefa completamente assumida pela comunidade, que os planejava, elaborava e realizava.

Importante considerar que, tal como já foi acentuado, a segunda fase deixou por último, dois pontos claramente destacados como problemas a serem revistos e corrigidos: 1º) Algumas falhas básicas da fase anterior foram apenas minoradas, mas não resolvidas. Assim, embora conscientes de que o próprio povo é o sujeito de toda a ação educativa desenvolvida pelo MEB, insistimos em chegar a ele com "modelos ideais" de objetivos e planejamentos, procurando levá-lo a se conscientizar, mas limitando ainda, mesmo sem o pretender, as suas opções. Procurávamos levá-lo a criticar a situação em que vivia, mas sem o sentir, levávamos esta crítica à descoberta de fenômenos que já tínhamos de ante-mão sistematizado com os importantes. De mesma forma, éramos ainda em quase todas as comunidades vistos e entendidos como os responsáveis por ações, de que deveríamos ser assessores. 2º) A passagem de uma a outra fase, embora tenha sido um fenômeno progressivamente realizado pela equipe, foi em alguns aspectos aquilo que costumamos chamar "queimar etapas". A passagem de alguns elementos de nossa ação educativa de uma para outra forma, não foram realizadas acompanhando o próprio processo de conscientização dos camponeses. O debate era em geral colocado em nível muito abstrato e generalizador, para uma população que até então,

não só era colocada à margem de processo de reflexão crítica, como também não tinha recebido de nossas aulas e programas mais que "conhecimentos" e informações (1ª fase).

É importante salientar que toda essa evolução foi difícil e em certos casos, lenta. Sem assessoria suficiente, quase tudo era fruto de esforço e experiência vivida. Com mais elementos de reflexão; de pedagogia; de conhecimento da realidade, seríamos certamente libertados mais em linha reta dos obstáculos que nos dificultavam a consciência de nossa ação, seu sentido e os meios de vivê-la mais eficientemente.

Enquanto a passagem de uma primeira para um segunda fase (tenha-se sempre presente a idéia de que essas fases representam momentos que se diferenciam através a vivência de novas experiências de trabalho, como resultante de um nível mais profundo de consciência dêle mesmo), foi evolução lenta e contínua de um mesmo processo que se explicitou aos poucos, a passagem da segunda para a terceira representou um momento mais claramente demarcado. Foi fruto de acontecimentos que se desencadearam em menos tempo, e independentemente de nossa vontade e ação.

Podemos considerar que os acontecimentos de março-abril 64 provocaram uma parada forçada, ou pelo menos variação forçada no ritmo dado ao trabalho assessor de LEB, em Goiás. Diante da situação então vigente, não nos foi mais possível continuar a ter a mesma constância de contatos com as comunidades rurais. É muito fácil compreender o quanto tal situação agravou todo o desenvolvimento dos trabalhos, envolvendo-o em todos os seus planos. Não só ficou mais difícil agir, dialogar, em busca do levantamento de exigências que eram já então pelo menos em parte uma permanente preocupação, como ainda avaliar a qualidade do trabalho realizado. Quando a isso foi aliada a própria situação Nacional de MEB, com realce posto sobre as dificuldades financeiras que atravessamos, então já nos é possível falar em uma verdadeira "desorganização" do trabalho de Educação de Base do LEB Goiás. A sistematização da ação posta em planejamento muitas vezes era desorganizada nas várias situações concretas de ação.

Apesar de todas as dificuldades, a consciência do sentido e dos meios de nossa assessoria em plano educativo no meio rural goiânico, foram acrescidas de novos elementos. Ficaram mais claras e profundas conclusões que nos levariam a um trabalho assessor mais eficiente e autêntico dentro de nossos objetivos. Este pode ser considerado um dos grandes obstáculos históricos do LEB em Goiás: a realidade negou concretamente, enquanto possibilidade de ação, aquilo que em termos de consciência, havíamos atingido e nos dispúnhamos realizar.

(No momento atual muitas destas condições desfavoráveis ainda se colocam ante nós, como um desafio modificado, mas não transposto. Temos agora uma equipe reduzida em seu pessoal, uma quantidade menor de verba ante o trabalho a ser realizado, limitação enquanto material técnico e uma situação global no Estado em que as condições normais de um trabalho educativo em toda a sua profundidade se acham comprometidas).

Antes de iniciar a análise feita durante os dias do Encontro, colocaremos alguns dos pontos mais importantes do diálogo mantido no segundo dia com os líderes citados. O material levantado neste diálogo foi básico para as nossas discussões posteriores, e levado em conta em todos os seus momentos:

1. Situação geral: Em todas as escolas foi muito grande a evasão escolar. Quase sempre mais da metade dos alunos abandonam os estudos antes de terminá-los.
2. Nas comunidades as escolas são sempre bem recebidas. Há casos em que a comunidade se dispõe a ajudar, no início. Mesmo depois, tanto alunos como outras pessoas do local continuam a valorizar o trabalho e o movimento. Não se pode atribuir, pelo menos com o que sabemos até agora, esta evasão pura e simplesmente a um desprestígio progressivo do LEB em áreas onde tem BERR radicadas.

3. Grande parte da participação inicial é motivada pela curiosidade, pela "novidade" exercida por um novo elemento colocado na comunidade. Quando o fator "novidade" se desgasta, também o rendimento de todo o esforço perde muito de sua eficiência. Isso pode significar que em muitos casos, toda a adesão a uma ação transformadora, a partir de um núcleo educativo ainda é dirigida por fatores superficiais. A adesão se perde quando tais elementos desaparecem. Ora, como esses fatores são geralmente pouco perduráveis, assim também a qualidade da aceitação de uma EERR é provisória para grande parte da população atingida.

4. Há ainda dificuldades de ordem material, horário, qualidade da emissão falta de material didático eficiente etc. que provocam como fator importante, essa evasão.

5. Por outro lado está demonstrado claramente que o trabalho centralizado apenas na EERR, e sobretudo apenas nas aulas não é suficiente. Há mes no casos em que a comunidade está unida, preparada, agindo mesmo em tôrno de verdadeiros líderes e com uma atenção muito pequena para a ER local.

6. Não havendo um levantamento real das exigências da comunidade e também em função da necessidade de generalizar, inerente à emissão radiofônica, nem sempre o material emitido é compreendido pelos alunos, e mesmo sendo compreendido, nem sempre é resposta às suas necessidades mais fundamentais e concretas.

7. Todas as atividades que envolvem contato direto com as comunidades são muito bem aceitas, e além disso, fator de crescimento autêntico do interesse e da ação, por parte de líderes e outros membros das áreas atingidas.

8. A condição rural apresenta condicionamentos, problemas, exigências e características em vários níveis nem sempre atingidos por nós. Sem os compreender, torna-se impossível encontrar o caminho.

5.2 Análise preparatória a um planejamento

Pressuposto - O MEB/Goiás destina-se ao meio rural de algumas regiões do estado e tem como tarefa específica uma ação de serviço as sessor ao camponês destas regiões, dentro da faixa educativa, específica do trabalho do MEB.

Problemas - a) Quais as exigências que este camponês faz ao MEB?
b) Quais os obstáculos que impedem ou dificultam nossa consciência destas exigências formuladas implícita e explicitamente, pelo meio camponês das áreas atingidas?
c) Quais os obstáculos encontrados na resposta de MEB a estas exigências?

a.a) As exigências mais gerais do camponês, como pessoa, são respostas autênticas à sua própria condição de pessoa humana. Neste sentido: as condições do exercício de sua liberdade; a justiça social aplicada à sua circunstância; a personalização da comunicação entre o meio rural e o meio urbano e dentro de meio rural, entre as várias classes; a criação, e ampliação do conjunto necessário de condições materiais suficientes, que permiten ao homem do meio rural emergir por seu próprio esforço de sua situação de marginal à cultura nacional. Neste sentido ainda compreendemos que a própria situação vivida pelo camponês das áreas atingidas pelo MEB, explicita-se como um todo num desafio ao nosso trabalho.

a.b) As exigências seguintes não são mais que a concretização e particularização das que vimos e colocamos acima. Aquelas que aqui no Brasil, em Goiás, nas áreas que atingimos, em cada comunidade, em cada pessoa, são a todo momento formuladas de maneira explícita, através das muitas comunicações e pedidos feitos, ou implicitamente através de todos os impecilhos

que a todo o instante o homem do meio rural encontra, no seu esforço por se afirmar como sujeito de sua própria existência e destinação. Importante ter consciente que tudo aquilo que se pode apresentar como exigência do meio rural a um movimento de Educação de Base, implica como resposta autêntica uma tarefa assessôra. Importa fornecer instrumentos para que o camponês, ele mesmo, supere os obstáculos de sua realização como pessoa.

a.c) E dentro desta perspectiva, essas exigências vão desde a existência em meio rural dos instrumentos necessários à Educação de todos, até a existência também indispensável de uma assessoria que possibilite o acompanhamento supletivo do esforço das comunidades num trabalho global de ação transformadora, da comunidade e por extensão, da área, do Estado e de todo o País.

a.d) No entanto, a experiência nos tem demonstrado que os apêlos, as exigências formuladas pelo camponês, (mesmo tendo referência aos problemas mais fundamentais da pessoa humana), são sentidas, organizadas e explicitadas - segundo o próprio meio de interagir vigente no meio rural - em formas bastante concretas, limitadas até. Isso que parece em certos momentos uma absurda limitação na capacidade crítica a respeito de sua própria condição, representa de qualquer maneira a necessidade sentida, o problema descoberto e sobretudo o obstáculo possível de ser transposto, e agora. Acreditamos que o camponês tenha consciência (mais do que imaginamos a certo momento) de seu valor e conhecimento de sua condição. No entanto, é em partes, aos poucos, progressivamente, por ações sucessivas que percebe e comunica isso. Ante a possibilidade de uma muito ampla ação global em nome de sua redenção, ele pede uma estrada, da fazenda à sede do município.

b.a) Um fato é claro, ao contrário de determinados movimentos, cuja missão é atuar sobre seu próprio meio-sócio-cultural, o MEB possui dois polos em níveis culturais e situações sociais diferentes, em muitos sentidos, e fundamentais. De um lado os líderes das comunidades rurais, diretamente responsáveis pelo trabalho ali realizado; De outro lado, a equipe central, responsável pela assessoria a estes líderes.

O primeiro grupo constitui-se inteiramente de habitantes do meio rural, em grande maioria, camponeses, localizados em áreas muito pobres, dentro de um País já todo êle subdesenvolvido. Vivem em culturas geralmente marginalizadas dentro do processo cultural da Nação. Possuem quando muito alguns rudimentos de conhecimentos adquiridos através do processo escolar. O segundo grupo constitui-se de uma pequena amostra de população urbana, com nível muito mais alto em termos de escolarização; localizado em área menos pobre e marginal. Essa diversidade de contexto socio-cultural tem provocado duas ordens de obstáculos: 1º) Em termos de conhecimento. Não podemos ter um conhecimento vivencial da condição rural, por isso mesmo é-nos impossível uma vivência das exigências. Não temos tido da mesma forma, possibilidades objetivas de pesquisa da condição rural, dessa condição concretizada em nossas áreas de ação e em cada uma comunidade. (Pesquisa e estudo de área são processos de conhecimento da realidade que em função das dificuldades de pessoal e material, desenvolvem-se lentamente no Movimento). Isso provoca um conhecimento subjetivo desta mesma condição rural, e de seus apêlos. Um conhecimento que poderia - nos chamar; de opinião, ou de "experiência" (no sentido de prática, não no sentido de experimentação controlada). O que é o mais profundo destas exigências escapa-nos muitas vezes, e quando atingimos algo, quase sempre a oportunidade de uma resposta, já é passada. O próprio sentido de cada conjunto de apêlos formulado em cada comunidade, escapa-nos com frequência. 2º) Em termos de atitude. Embora tenhamos sempre visto o camponês como uma pessoa, sujeito de sua cultura, na oposição que fazíamos entre êles e nós, não podíamos deixar de nos ver como polo culturalmente mais preparado, mais consciente, mais crítico. Não importa aqui de forma alguma discutir a validade desta atitude, mas levantar alguns pontos que nos esclareçam os obstáculos inerentes a ela. De início uma atitude de bloqueio, suficiente para impedir que mesmo no contato direto, tivéssemos condições de "ver objetivamente". Em geral mesmo dispostos a provocar

no componêns uma atitude crítica, orientávamos frequentemente as etapas desta atitude; segundo modelos ideais constituídos a partir de nossos es-
quemas e com o pouco que sabíamos de verdadeiramente objetivo a respeito da situação rural componêsa. Frequentemente orientávamos as coisas no sentido de levar até mesmo os líderes rurais a pensar - querer e reali-
zar, aquilo que julgávamos válido para o meio rural. Isso como consequên-
cia do modo mais ou menos consciente que tínhamos de agir de forma alie-
nada, paternalista, assistencialista. Muitas vezes, como no caso da Farná-
cia da comunidade de Hidrolândia, nossos esquemas nos impediam real e ob-
jetivamente de sentir qual era uma determinada exigência explícita; de
que forma poderia ser assessorada; o que poderia ser resposta positiva
da comunidade, através dela. Por outro lado, muitas vezes apresentávamos
nós mesmos o problema a ser debatido, e "anarrávamos" o debate em torno
dêle. Foi frequente a tentação de queimar etapas no processo de consciên-
tização (grande parte disso motivado pela situação então vivida pelo
País); de ir com êles de uma a outra faixa de consciência em tempo muito
lento; de obrigar populações rurais a obedecer a um ritmo de comunicação
e modificação de atitudes apenas possível em meio urbano.

c.a) A conclusão foi evidente. O grande obstáculo a uma resposta autênti-
ca e eficiente por parte do MEB Goiás deve ser procurada em tudo o que
vimos acima. Sem o conhecimento claro da condição rural, da situação do
homem do campo das áreas atingidas por nosso trabalho, das exigências con-
cretas fruto dessa situação, nossa resposta não poderia ser válida, por-
que era sobretudo resposta a nós mesmos, aos nossos modelos ideais, aos
nossos programas e não a exigências vividas pelo meio atingido.

c.b) Em segundo lugar, concluímos que ainda não está claro para nós o
próprio sentido de MEB. Vivemos um movimento muito novo e que mesmo as-
sim se renova de nós a nós. Basta lembrar que só agora, em março de 1965
concluímos que todo o nosso trabalho é finalmente uma ação assessora de
processos de Animação Popular. Parece que descobrimos isso tarde, nas
antes pelo contrário, foi marchar certo por caminho bom, desde que cinco
anos atrás em nossa história, nossa preocupação única era alfabetizar "de
longe", e dar algumas noções concretas de agricultura, higiene e seme-
lhantes.

Mergulhados na ação, não resta dúvida que dela temos tirado o mais essen-
cial para explicitar dia a dia o sentido do movimento. Mas achamos que
só um maior aprofundamento teórico, a respeito de tudo o que se envolve
em nosso trabalho pode ser suficiente para que êle mesmo se explicita
também, e nisso descubra a condição de sua maior eficiência e validade.

c.c) Finalmente, falta-nos ainda aprofundar uma Pedagogia aplicada à es-
pecificidade de nossa ação. A complexidade de tarefas que temos desenpe-
nhado desde as aulas até os encontros com comunidades, exige de nós um
conhecimento bastante maior de todo um conjunto de técnicas e métodos que
ainda desconhecemos.

Como resposta final aos problemas postos e como preparação imediata a
planejamento que fizemos, concluímos que nos resta como preocupações bá-
sicas:

1. Descobrir os meios de sintonizar com os problemas reais e concretos das comunidades de áreas atingidas pelo MEB/Goiás.
2. Encontrar as condições de sintonizar mais profundamente com os elemen-
tos fundamentais da vida rural destas áreas, seus problemas e exigências.
3. Por outro lado, ir progressivamente elaborando técnicas de pesquisas de área, de estudos de problemas importantes do meio rural, e de contrô-
le de nosso próprio trabalho.
4. Refletir e estudar o necessário para o aprofundamento da consciência e do sentido da pessoa, o suficiente em termos de Filosofia para um base-
amento seguro de nossas linhas de ação. Estar constantemente estudando e procurando criar ou aperfeiçoar técnicas pedagógicas de ação comunitária.

5. Testemunhar com nosso comportamento aquilo em que acreditamos.
6. Conscientizar nossa situação de assessores de um processo de Animação de base de que os sujeitos são os próprios líderes das comunidades, bem como todos os seus membros, participantes ativos ou não deste processo.
7. Neste sentido descobrir, capacitar e assessorar líderes capazes de assumir plenamente a responsabilidade do processo de AnPo em cada comunidade, em cada área de ação.
8. Não centralizar mais, em planejamentos futuros o núcleo de AnPo na ER nas deixar que a própria comunidade opte, através de seus líderes pelas formas de ação a realizar, provocando então sobre nós, formas de assessoria específicas.
9. Planejar, agir e rever juntos com os líderes.
10. Deixar que as exigências concretas formuladas pelas comunidades sejam o fundamento de toda a ação. Mesmo naquilo que se refere a aulas e programas, treinamentos e supervisões.
11. Iniciar progressivamente, sem queimar etapas, mas sem detor o processo, uma preparação de toda a equipe para uma nova fase de trabalhos, dentro de tudo o que ficou resolvido no Encontro.

6. Resoluções sobre estudo e trabalho

1º importante: não separar o estudo da ação (como feito neste relatório apenas por questões de exposição) o estudo representa uma fase de reflexão e aprofundamento do trabalho e o trabalho significa uma forma vivencial da reflexão, posta na ação.

Estudo: Formação de equipes responsáveis por áreas de reflexão que envolvam o conjunto global da ação do LEB/Goiás.

1. A condição rural: Betinha + Isa + Nely + Denora + Irene - *na área*
2. Realidade rural goiânia: idem
3. Conhecimento das comunidades: idem
4. Fundamentação do trabalho: Eurípedes + ~~Henri Alice~~ *Betinha*
5. Pedagogia Geral: Alda + Emília + Wellington + Gaudência
6. Pedagogia Aplicada ao trabalho de MEB: idem

Trabalho: Estamos em pleno desenvolvimento de um processo, com aulas no ar, treinamentos marcados e um programa sendo executado. Neste sentido, tal como vimos, não poderemos realizar um novo planejamento que substitua bruscamente o que estamos vivendo. Desta forma proponho-nos a elaborar um conjunto de pontos necessários a realização de algumas formas novas de ação, em caráter experimental. Tudo o que vimos até aqui nos obriga a só pensar um planejamento global de ação a partir das exigências da base, que começaremos a levantar objetivamente nos dias que sucedem este Encontro! Isso será feito a partir de:

1. Elaboração de um mapa onde serão colocadas as comunidades atingidas, sua situação, o nível dos trabalhos, etc.
2. Levantamento através do mapa e de outros depoimentos de líderes, de áreas prioritárias, onde desenvolver uma ação mais ampla. Enquanto isso, preparar as outras áreas em situação permissível para emergir à condição de prioritárias e não intensificar trabalhos onde nossa assessoria não pode ser eficiente.
3. No treinamento de setembro, preparar os líderes para que, a partir das próprias exigências apresentadas por eles, seja desencadeada uma ação mais em acordo com as condições de eficiência e validade que levanta nos neste encontro.
4. Planejar a ação imediata no sentido de preparação de uma nova fase, nas sobretudo respeitar o estágio de cada comunidade. Dentro de um planejamento global, elaborado com os líderes, particularizar planejamentos seguindo níveis de atuação nas comunidades. Depois, planejar a assessoria

ria de cada comunidade como um caso específico.

5. Da mesma forma, realizar treinamentos para líderes de apenas uma comunidade, se a situação atingida por ela justificar isso. Nestes treinamentos, oferecer aos líderes melhores condições para o desempenho de suas funções.

6. Modificar progressivamente as aulas e programas a partir de exigências e sugestões feitas por alunos e líderes no sentido de fazer de ambos uma resposta à condição dos camponeses, uma resposta às suas necessidades, como eles as vivem, e não um programa feito na sede por nós. Retirar o que for necessário e acrescentar novos elementos de dinamização e crescimento de nossa comunicação com as comunidades.

7. Como tarefas para este final de ano:

- a) realização de mapa completo das comunidades atingidas pelo MEB.
- b) intensificação de viagens e contatos com as comunidades que exigem isso, no momento.
- c) preparação de Treinamentos de líderes, mais válidos e eficientes.
- d) modificação progressiva de aulas e programas.
- e) preparação de toda a equipe para o advento de uma nova fase de trabalhos, segundo o resolvido aqui e planejado com os líderes nos treinamentos e em outros contatos.

Responsáveis e equipes

AULAS: linguagem - Betinha
cálculo - Alda
intermediária - Eurípedes

PROGRAMAS: monitor - Betinha e Alda
sábado - Isa, Betinha e Wellington

TREINAMENTO : Maria Alice

SUPERVISÕES: Nely

ENCONTROS : Nely

* - * - *

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE
rua são clemente, 385 - rio
11/65 - 150